# O galego no léxico de Rosa: veredas

#### Lucio Menezes Valentim\*

Universidade Federal do Rio de Janeiro lucio.menezesvalentim@gmail.com

#### Galician in Rosa's Lexicon: veredas

Resumo

Este ensaio tem por finalidade uma especulação acerca da tessitura da *palavra* roseana em seu vínculo profundo com as raízes da língua que sedimenta sua base: o galego. Nossa abordagem visa trazer à tona o arcabouço léxico que inspira e constitui o grosso da prosa do autor de *Grande sertão: veredas*, contrariando – em sua minúcia – abordagens outras, para as quais a *palavra* de Guimarães Rosa remeteria por fim ao puro e simples arcaísmo, mesclado a neologismos vários, entre outras invencionices. Outrossim, sob nosso ponto de vista, o léxico de Rosa mais radical se retroalimenta, com frequência, em águas tão longínquas quanto correntes em nossa língua – e que jorram do Noroeste da península ibérica: a Galicia.

Palavras-chave

Guimarães Rosa, léxico, etimologia, prosa, galego, português

Sumário

1. Introdução. 2. Vereda I. 3. Vereda II. 4. Vereda III.

Abstract

This objective of this essay is to speculate about Guimarães Rosa's tessitura of words and its deep bonds with the language roots that consolidate its grounding — Galician. This study seeks to highlight the lexical framework that inspires and constitutes most of *Grande sertão*: the prose of the *veredas* author, contradicting — in its essence — other approaches where Rosa's approach tends towards pure and simple archaism, combined with various neologisms, amongst other inventions. Furthermore, from our point of view, Rosa's most radical lexicon frequently reverts back to distant yet fluid currents from the Northwest of the Iberian Peninsula: from Galicia.

Keywords

Guimaráes Rosa, lexicon, ethimology, prose, Galician, Portugese

Contents

1. Introduction. 2. Vereda I. 3. Vereda II. 4. Vereda III

<sup>\*</sup> Pesquisador Visitante do Programa de Pós-doutorado da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Programa Avançado de Cultura Contemporânea – PACC/UFRJ.

## 1. Introdução

Creio não ser desnecessária uma breve apresentação do Rosa que titula este texto – sobretudo quando se pensa no leitor estrangeiro. Aliás, se um autor deve ser mencionado pelo nome ou pseudônimo com o qual passa a se tornar conhecido, entre nós este Rosa sempre remeterá ao fenômeno Guimarães Rosa, muito embora, a despeito disto, o conterrâneo Drummond o tenha referido pelo primeiro nome – dois dias após a súbita morte do amigo –, em poema cujos versos aqui citamos, nesta espécie de antiapresentação:

João era fabulista? Fabuloso? Fábula? Sertão místico disparando no exílio da linguagem comum?

De fato, considerado por toda a crítica especializada um dos mais inventivos prosadores brasileiros do séc. xx, ainda que relevadas as ousadias de Clarice Lispector, Lygia Fagundes Teles ou de Murilo Rubião, João Guimarães Rosa permanece sendo uma incógnita, e sua prosa — haja vista a vastidão de especulações que ainda evoca — continua suscitando olhares múltiplos e díspares ao largo do séc. xxI:

Projetava na gravatinha a quinta face das coisas, inenarrável narrada? Um estranho chamado João para disfarçar, para farçar o que não ousamos compreender?

No refluxo de duas grandes guerras mundiais, na decadência e no apogeu de Vargas; mas também no rastro de Carroll, Joyce e de Pound, a linguagem rosiana foi inaugurando nas letras locais – no intervalo situado entre os anos de 1940 e 1960 –, vasta novidade narrativa, desafiando e desafinando o coro, e o cânone, da periférica expressão ficcional de língua portuguesa ora praticada aqui, no trópico:

Tinha pastos, buritis plantados no apartamento? no peito? Vegetal ele era ou passarinho sob a robusta ossatura com pinta de boi risonho?

De dicção arduamente peculiar, toda essa prosa conseguiu superar as meras convencionalidades de construção de enredo e de personagens então experimentadas e, ao mesmo tempo em que parecia reivindicar certo *status* histórico da língua, bus-

cava reconstituir também aspectos estéticos do léxico, na construção desse (de)*sertão* – que é mundo de linguagem:

Era um teatro
e todos os artistas
no mesmo papel,
ciranda multívoca?
João era tudo?
tudo escondido, florindo
como flor é flor, mesmo não semeada?
Mapa com acidentes
deslizando para fora, falando?

Médico, diplomata, matuto, capitão, místico e poliglota – não necessariamente nesta ordem – Rosa externaria na prosa, então, a face múltipla de sua personalidade, o que afinal levou o poeta e amigo Drummond a concluir dessa forma o tal poema -epitáfio:

Ficamos sem saber o que era João e se João existiu de se pegar.

Neste texto, portanto, o que se explorará, o que se buscará 'pegar' do João, serão variados *camiños*, *atascos e desvãos* que conduzam à voluptuosidade da língua-tecido do Rosa; desmembrar, remontar suas "pegadas" – e, para tanto, (per) seguiu-se o rastro das três seguintes *vias* – numa estratégia mesmo *trivial*:

- Uma que considera de fato o *texto* enquanto *língua* em *ação* pegará a via que supostamente levaria às estruturas narrativas profundas do texto rosiano, aquelas que formariam sua teia, seu tecido, e que *viabilizariam* a constituição de parte de suas tramas. Este *atasco* alude quer pelo trato da sintaxe, quer pela referência aos paradigmas narrativos a toda fortuna narrativa ocidental, às fontes, enfim, tendo em vista o que há na prosa de Rosa de trágico, de cômico e de épico; também o que há das cantigas e das novelas de cavalaria; e, mais efetivamente, dos fluxos de consciência, das alusões livres e associações indébitas de Joyce; dos neologismos, arcaísmos e jogos plurilíngues de Carroll; e dos ideogramas, epigramas e arabescos de Pound. Relevando-se, sobretudo, os reflexos do mito do *Fausto* que circundam o *Grande sertão: veredas*.
- Enquanto herança linguística, sabe-se que uma profusão de línguas perpassa a língua que Rosa representa e reimplanta: o latim, o tupi, o grego, o alemão, o japonês, o croata etc., todas de considerável influência e de profundíssimas marcas na criação de seu léxico. Como exemplos dispersos na obra, citam-se:

do grego, akmé ('clímax, fase crítica'), "sabia-se num acme. Todo o ódio que podia experimentar..." (Noites do Sertão); do árabe, ad-duuar ('acampamento de mouros'), "cidadezinha doadamente, nova, um aduar de branca..." (Ave, Palavra); do inglês, o'clock, "O relógio – seus ocloques..." (Tutaméia); do tupi, mbi gwa ('pé redondo'), "passamos outra vazantezinha; se espantaram biguás e curicicas, mas ficaram barulhando e se amando..." (Estas Estórias); do latim, bilbo, -ere ('ruído de água'), "Ainda viu o derradeiro fiapo d'água escorrer, estilar, cair degrau de altura de palmo a derradeira gota, o bilbar..." (Manuelzão e Miguilim). Daí ser essa – a das línguas – sempre uma explicação "viável" e uma das fontes inesgotáveis da vocação de Rosa para os vocábulos, que resultam de sua produção experimental com a linguagem.

E, finalmente, a via que reconduz à própria língua-mãe, à língua de domínio, numa espécie de "antropologia da palavra", - sempre partindo das perguntas -enigmas: que língua é essa, afinal, que aos olhos do brasileiro médio, escolarizado, usuário do registro de prestígio, causa tanto estranhamento?, soando sempre como uma espécie de português menor, errado, de segunda e, por conseguinte, relegado e subjugado a determinados estamentos considerados bastardos da sociedade? Configuram, de fato, variantes diastráticas (aquelas com fundamento nas diferenças de classes sociais), termos como alembrar?; ou diacrônicas (aquelas perdidas no tempo da língua), termos como alevantar?; ou, antes, não seriam apenas variações diatópicas, isto é, aquelas que se valem de recursos e formações que a língua já oferece –, se consideramos, transhistoricamente, a variante europeia de acento galego que antecede e circunda o português falado nos sitios frequentados pela prosa de Rosa?

Conforme bem apontara Paulo Ronai (1907-1992), "desde os nomes das pessoas e dos lugares até os provérbios aos rifões as semelhanças saltam à vista": como a Galiza e o Sertão, tão afastados no mapa, formam duas províncias próximas da mesma esfera suprarreal e ultrageográfica, reatualizando um léxico que se revigora no espaço sertanejo enigmático. Eis a nossa principal vereda.

### 2. Vereda I

Pouco se tem falado, nos ensaios e biografias, a respeito das leituras de Guimarães Rosa, sobre quais seriam suas predileções literárias, sobre sua biblioteca, enfim. De Machado de Assis, por exemplo, sabe-se que lia Swift, Sterne, Dante e Shakespeare e, em função do exercício da crítica, mantinha-se antenado também com o que de mais atual havia nas letras nacionais. Em contrapartida, de Rosa, exploram-se quase tãosomente suas predileções e aptidões precoces para as línguas. Em entrevista a Lenice Guimarães, o próprio Rosa declararia:

Eu falo: português, alemão, francês, inglês, espanhol, italiano, esperanto, um pouco de russo; leio: sueco, holandês, latim e grego (mas com o dicionário agarrado); entendo alguns dialetos alemães; estudei a gramática: do húngaro, do árabe, do sânscrito, do lituano, do polonês, do tupi, do hebraico, do japonês, do checo, do finlandês, do dinamarquês; bisbilhotei um pouco a respeito de outras. Mas tudo mal. E acho que estudar o espírito e o mecanismo de outras línguas ajuda muito à compreensão mais profunda do idioma nacional. [grifos nossos]

É bem verdade que, segundo revela Suzi Frankl Sperber (1976), em pesquisas pioneiras à biblioteca do autor, Rosa não possuía muito apego aos livros enquanto entidades físicas, daí a quantidade ínfima de volumes ali encontrados – cerca de 2.477 –, supondo-se que muitos tenham ficado nas cidades em que esteve a serviço diplomático: Paris, Bogotá, Hamburgo, ou em suas andanças pelo sertão.

Nota-se, entretanto, dentre variados assuntos, uma seleção de textos de temática religiosa e/ou esotérica, temas que, de acordo com Sperber (1976: 32), compunham boa parte dos interesses literários de Rosa, o que confirma sua forte inclinação mística:

As leituras de Guimarães Rosa durante sua trajetória de vida não estão literalmente citadas, nem sequer são mencionadas, mas contribuíram na sua formação. A biblioteca-espólio de GR demonstra o interesse do escritor em *leituras espirituais*, que respondia a duas necessidades: 'à pessoal na busca da transcendência; à profissional, i.e., literária, na conversão das características doutrinária em processos narrativos'.

Chegam a ser contundentes e assustadores, por exemplo, os depoimentos vivos de dois especialistas na obra de Rosa, Antônio Cândido¹ (1918) e Haroldo de Campos² (1929-2003), sobre este que era o assunto que compunha grande parte da biblioteca do autor de *Tutameia*: a questão místico-esotérica.

Campos relata que Rosa dizia manter relação íntima com o *Demo*, e com *Ele* tinha ardorosos embates físicos, em noites pactárias; Cândido lembra que em certo debate sobre questões ideológicas e políticas, em Congresso internacional, Rosa dissera peremptoriamente ser a justiça entre os homens algo de irrefutável importância, mas que a questão crucial mesmo, a pergunta/resposta maior do homem humano era saber se Deus existe ou não.

Nos depoimentos de ambos os críticos perpassa o impacto das palavras e das convicções de Rosa acerca do tema – mote inconteste do romance obra-prima *Grande Sertão: veredas*.

A entrevista foi realizada no programa Grande Sertão Veredas: sobre Guimarães Rosa. https://m.youtube.com/watch?v=nn9YMb6S7VQ.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> A entrevista foi realizada no programa *Grande Sertão Veredas: sobre Guimarães Rosa*. https://m.youtube.com/watch?v=tVTSZbWiyZA.

A proximidade de Rosa com a cultura alemã – uma vez mais – iria colaborar na confecção de cenário do Fausto sertanejo refletido no personagem-símbolo Riobaldo.

Em entrevista concedida a Günter Lorenz, em janeiro de 1965, o próprio João afirmaria:

Conheço bastante bem a literatura alemã. Por exemplo, o Simplicissimus é para mim muito importante. Amo Goethe, admiro e venero Thomas Mann, Robert Musil, Franz Kafka, a musicalidade de pensamento de Rilke, a importância monstruosa, espantosa de Freud. Todos estes autores me impressionaram e me influenciaram muito intensamente, sem dúvida.

Roberto Schwarz (1981) foi pioneiro ao relacionar o Riobaldo de Rosa ao mito do Fausto, reatualizando essa profícua e profunda relação transhistórica que ronda também o universo do cangaço: a pactância com o demo, este diabólico produto do imaginário humano, pós-medieval, já desmaterializado no cotidiano, e que é força resultante dos embates do homem com o mundo. Sobre o pacto de Riobaldo, diz Schwarz (1981:46):

Esse diabo residual, que poderia ser confundido com a espontaneidade do indivíduo, lembra o demônio como princípio cósmico, de Goethe, a soprar os foles do harmônio universal tocado por Deus. É o espírito da negação, interior ao homem, diabo encarnado que não precisa de convocação para comparecer.

Nessa lógica, o demônio do jagunço-filósofo Riobaldo é o mesmo Mefistófeles que assolou as almas dos personagens de Thomas Mann e Goethe: fáusticos, cada qual tem algo a cumprir, para além de suas capacidades; incapazes de levar adiante sua missão, por intermédio do tal pacto demoníaco, fazem o escambo da alma - na fala.

Do Arquivo de Rosa emerge seu processo de leitura dos clássicos, revelado em cadernos de minuciosas anotações. Nestes cadernos, por exemplo, Rosa reuniu notas acerca de Homero, La Fontaine e Dante, que fazem antever na fala dos jagunços entrelaçados o mesmo pensamento que revestiu a fala clássica. Nos indícios de leituras vê-se que Rosa, em textos como A Hora e a Vez de Augusto Matraga, p. ex., consegue "traduzir Homero numa linguagem do sertão" (1997: 47):

estabelecemos o período em que o caderno Homero foi produzido: em Paris, possivelmente no final de 1950. Em relação à obra de Guimarães Rosa, esse período está situado justamente entre Sagarana, de 1946, e Corpo de Baile e Grande Sertão Veredas, ambos de 1956.

Mas, se quanto a Homero não restam dúvidas, não se pode afirmar que Rosa tenha lido o Fannegans Wake ou o Ulisses. Sua prosa, ainda assim, tem a ver com a coisa de Joyce e, em concomitância com a exuberante linguagem, quedam outras coincidências inefáveis em relação a certos tiques e truques estruturais. De acordo com Luiz Roncari (2004:15), Rosa

estava experimentando várias formas arcaicas da narrativa, como as dos *Contos da cantuária*, da picaresca, do fabulário, da vida dos santos, dos causos. Ao mesmo tempo percebia-se que ele acompanhava todos os avanços da literatura moderna.

Considerando-se a natureza cíclica, cronotópica, que circunda e convenciona as estruturas das narrativas, as interseções entre o *Finnegans Wake* e o *Grande sertão:* eredas se materializam, e demarcam a dimensão transhistórica do fenômeno.

Não seria mera coincidência então o texto de Joyce iniciar com a primeira sentença na última página e a última sentença na primeira, tornando o livro uma grande narrativa em ciclo – na tradução brasileira, a proposta do título remete a fim + início: logo,  $Finnegans\ Wake$  resulta em  $Finnicius\ Rev\'em$ , ideia que se verifica também na referência ao título original (fin-again, 'fim-de-novo') – e o  $Grande\ sert\~ao$ , que começando pelo famoso nonada, também joga com as palavras  $(n\~ao, no, non, nada)$ , e termina com o símbolo do infinito:  $\infty$ .

O que se quer dizer é que, neste sentido, a prosa maior de Rosa encontrava-se profundamente afinada com a vanguarda universal dos grandes inventores/interventores da linguagem, tanto no referente à tradição ocidental quanto ao que de ponta ocorria nas letras locais.

No entanto, queda a pergunta: pode-se (ou não) afirmar que o *léxico* de Rosa se confunde com os artifícios morfofonológicos de Carol, Joyce, Pound ou Goethe, numa espécie de *make it new*? O próprio Rosa, ao falar de si, responde:

Se tem que me colocar com relação à *palavra* digam que eu sou o *reacionário* da palavra porque eu quero buscar lá no seu *primitivismo*, naquele momento inicial onde a linguagem mal se descolou da coisa e ainda guarda com a coisa uma relação mais próxima. [grifos nossos]

E, na entrevista a Lorenz, por fim, diria: "aprendi algumas línguas estrangeiras apenas para enriquecer a minha...".

### 3. Vereda II

Em *Metáforas, ex-metáforas, pseudometáforas*, Harri Meier (1974:17) nos ensina ser a *criação metafórica* a fonte mais importante de renovação do léxico de uma língua. E isto frequentemente ocorre quando algumas expressões

perdem geralmente seu papel de figura retórica ou afetiva e a marca do seu significado é transferido, e de metáforas passam a ser ex-metáforas. Assim o port. testa 'fronte' e o fr. tête 'cabeça' representam autênticas ex-metáforas baseadas no lat. testa 'barro cozido, telha, loiça de barro, concha, caco' ...) nascidas segundo uma comparação popular e algo grosseira, que já tomou a sua origem na baixa latinidade, quando se empregava testa para 'crânio, cachola', e para a qual temos casos paralelos no it. coccia e copa, no sardo conca 'cabeça' e no alemão kopf que ainda significava 'taça', 'cálice' no antigo alto alemão.

No entanto, há que se desconfiar sempre da explicação etimológica mais *adequada*. Em lugar dos supostos neologismos, arcaísmos e metáforas, com frequência tratam-se de famílias e genealogias já existentes no decurso da língua – no caso de Guimarães Rosa – apenas remasterizadas e re-definidas dentro dos três clássicos critérios linguísticos: os sintáticos, os semânticos e os fonológicos.

Daí certas correntes linguísticas, relacionando o *léxico* à *parole* saussureana, compreenderem que o *léxico* se mantém e atualiza na *fala*. E, uma vez que não constitui sistema homogêneo, mas, antes, um conjunto de subsistemas, nele, efetivamente, tudo cabe e coexiste: coloquialismos, neologismos, arcaísmos, estrangeirismos.

Dentre os elementos que constituem uma língua, o lexical é também aquele que reflete com mais eficácia todas as transformações linguísticas – sobretudo quando caracteriza e localiza pessoas, situa lugares e comportamentos –, traduzindo as mutações socioculturais de uma civilização. Concluindo com Souza (2008:13):

Os estudos lexicográficos são uma linha de pesquisa que tem chamado a atenção dos estudiosos e pesquisadores exatamente devido ao fato de relacionar a *língua* com a *cultura*. [...] Sabemos que a língua está intimamente relacionada com a cultura de um povo, e por meio dela todo o conhecimento, valores e crenças adquiridas ao longo do tempo são transmitidos de geração a geração. É por meio do *léxico* que os *traços culturais* de um povo mais se evidenciam.

Repare-se que, na língua alemã, por exemplo – que muito serviu de mote à intuição rosiana –, são muito comuns as composições de palavras, do tipo: Volkswagen 'carro do povo'; Krankenwagen 'o carro que leva o doente' (ambulância); Rettungswagen 'carro de resgate'; Krankenhaus 'a casa do doente' (hospital) Hauptbahnhof 'estação de trem principal'; Fremdsprache 'língua estrangeira'; ou Stadtzentrum 'centro da cidade'. Este fenômeno é bastante comum também no português, em palavras como girassol ou passatempo; o título do primeiro livro de contos de Guimarães Rosa, Sagarana (1946) – que causou variado estranhamento à época –, constrói-se a partir deste recurso bilíngue e ambivalente da composição: saga, do proto-germano, e rana, do tupi, já evidenciando toda sua paixão pelo mistério – e pela mistura – das línguas.

Luiz Carlos Rocha (1998), para abordar o mecanismo de formação lexical do autor de *Sagarana*, utilizou a metáfora das *margens* – em alusão ao conto *A terceira* 

margem do rio. De acordo com Rocha, as três margens distintas de formação do léxico rosiano estariam assim distribuídas:

- a primeira *margem* atenderia a formações que a língua *oferece*, para a qual se podem destacar vocábulos como: *desnevado*, *esmar*, *esmiar*, *abandoado*, *bimbar*, *delamber*, *emparo*, *empicar*, *adir*, *abar* (*desabar*);
- a segunda *margem* atenderia a formações que a língua *permite*, para a qual se podem destacar vocábulos como: *gastejar* (de *gastar*); *abornalado* (de *embornalado*); *abinício* (de *ab initio*); *abirado* (de *ab irato*); *abreviã*, *capiscar* (do it. *capisco*);
- a terceira margem atenderia à criação do autor, para a qual se podem destacar vocábulos como: gatimanhas (de gato + manha), gaturamossabiássanhaço (de gaturamos + sabiás + sanhaços), sagarana, moimeichego (moi + me+ ich + ego), ababelo, ababelar (de transformar numa Babel).

Três *margens*, três *vias* por onde o *verbo* rosiano ancora e escorre, em sua profusão de metáforas, ex-metáforas e pseudometáforas; de palavras *oferecidas*, *permitidas* e *recriadas*, termos que enriquecem e reatualizam o léxico, mas que também confundem a etimologia rasa e desatenta à natureza vária, morfofonológica e semântica, do diassistema que circunda o léxico sem fronteiras de Rosa.

### 4. Vereda III

Pilar Vázquez Cuesta (1996: 5), em seu libreto O que um falante de português deve saber acerca do galego: pequena achega, adverte o básico:

Nascido como uma forma inovadora de falar latim na antiga Gallaecia romana (que abrangia, além da Galiza de hoje, as actuais províncias portuguesas de Minho e Trás-os-Montes), [...] – autóctone a norte do Douro, língua de colonização além desse rio – (o *galego*) iria perder na zona centro-meridional do país algumas das suas características nortenhas e, unificado por nivelação de localismos, converter-se no *português* [...] (grifos nossos).

Com o passar dos séculos e dos fatos, enquanto o português se foi expandindo e notabilizando como língua de cultura intercontinental, o galego – pelas mesmas razões históricas –, ficaria confinado à

língua autóctone aos meios camponeses, artesãos e marinheiros, e sendo apenas utilizada pelas camadas sociais média e alta no âmbito doméstico e das relações informais, em momentos de especial afectividade ou irritação, e para se entenderem com os inferiores (1996: 7).

Somada a outras culturas adjacentes ao diassistema linguístico galaico, a saber: a leonesa, a mirandesa ou a asturiana, a galega – embora subjugada e subalterna -, serviu de mão de obra aos propósitos do maquinário expansionista da colonização. Dentre os homens bravos e desbravadores que vieram perfazendo as tropas de enfrentamento da nossa primeira colonização partiram da Península marinheiros e pesqueiros, minhotos e nortistas, - e falando línguas tão comuns quanto permeáveis.

Um dos indícios mais evidentes de nossa herança celtibera talvez esteja na chamada certidão de nascimento do Brasil. Em sua Carta, Pero Vaz de Caminha, reportando-se ao momento inédito da confraternização entre colonizado e colonizador, faz referência ao instrumento usado na música ali proposta aos nativos pelos alienígenas que chegavam às margens do sul da Bahia:

E além do rio andavam muitos deles dançando e folgando, uns diante os outros, sem se tomarem pelas mãos. E faziam-no bem. Passou-se então para a outra banda do rio Diogo Diaz, que fora almoxarife de Sacavém [...]. E levou consigo um gaiteiro nosso com sua gaita. Depois de dançarem fez ali muitas voltas ligeiras, andando no chão, e salto real, de que se eles espantavam e riam e folgavam muito. [grifos nossos]

A gaita referida – a gaita-de-foles – é símbolo inconteste da cultura céltico-galaica, e de uso corriqueiro nas festas do eixo Extremadura - Minho acima. De acordo com a certidão de nascimento do Brasil, de fato, a gaita-de-foles consta como o primeiríssimo instrumento europeu a desembarcar nessas paragens tropicais. E, considerando-se que àquela altura da história o instrumento estivesse já incorporado à boa parte da cultura europeia, exercendo, aliás, até fins da Idade média e inícios do Renascimento, enorme prestígio e admiração não somente junto às elites, mas também no contexto popular, pode-se concluir galaica a origem daquele anônimo gaiteiro – e a música daquele domingo, possivelmente fosse uma muñeira, uma rianxeira ou, quiçá, um alalá.

Contudo, conforme se afirmou antes, as tais razões históricas levaram o registro vernáculo galego à discriminação, tanto no contexto europeu quanto no tropical, rebaixando-o à "língua de segunda", de gente inculta. Não à toa o próprio gentílico galego concomitantemente se pejorativizava e desvalorizava, quer no entorno da Península quer nas Américas - a demonstrar que o episódio da expansão pôs em evidência apenas as duas culturas do Poder: a castelhana e a portuguesa.

Desta forma, percebe-se que é também transhistórica a dialética entre a ignorância relativa às gentes e às culturas e a ignorância relativa aos fatos da língua. Em outras palavras, quanto mais se exageram as diferenças entre as línguas, quanto mais se revelam ignorâncias em relação à etimologia e ao léxico que as envolvem – o galego e o português – quanto menos se reconhecem as culturas que as produzem e divulgam. Conforme Valentín Paz-Andrade (1970: 103): "La circunstancia de que la evolución morfológica entre la rama gallega y la lusitana no haya sido sincrónica representa menos de lo que parece".

Ilustre-se o acima dito com os esparsos exemplos abaixo:

adourar > adorar, afrixir > afligir, brilante > brillante, cencia > ciência, destiño > destino, eisempro > exemplo, estrano > estraño, hourizonte > horizonte, iñorancia > ignorância, perfeuto > perfeito, próisimo > próximo, repubrican > republicano, siñificado > significado, téinica > técnica, cosciente > consciente etc.

Embora a advertência de Pilar Vázquez Cuesta identifique a filiação direta do português ao galego, em ambos os contextos linguísticos, não há consensos. Deve-se admitir, outrossim, que todo o acento que envolve morfologia e fonética similares à galega adquire eco na maneira de falar do português brasileiro: das variantes pertinentes às áreas adjacentes ao diassistema galaico-português – a saber, a leonesa (arguyu), ou a mirandesa (causo, sumana, andentro, cunfiórun, scribida, perséncia, stubimos) ou mesmo a asturiana (otres, antigos) – de todas o português disfruta.

Tomemos os exemplos em contexto mais amplo, e comparativo ao português:

- 1. Leonês: Muitas llinguas tien arguyu de los sous pergaminos antigos, de la lliteratura escrita hai cientos d'años y d'escritores enforma famosos; guei bandeiras d'eisas llinguas. Peru hai outras que nun pueden tenere arguyu de nada d'eisu, comu ye'l casu de la llingua mirandesa.
- 2. Mirandês: Muitas lhénguas ténen proua de ls sous pergaminos antigos, de la lhiteratura screbida hai cientos d'anhos i de scritores hai muito afamados, hoije bandeiras dessas lhénguas. Mas outras hai que nun puoden tener proua de nada desso, cumo ye l causo de la lhéngua mirandesa.
- 3. Asturiano: Munches llingües tienen arguyu de los sos pergaminos antiguos, de la lliteratura escrito hai cientos d'años y d'escritores perfamosos, anguaño banderes d'eses llingües. Pero hai otres que nun puen tener arguyu de nada d'eso, como ye el casu de la llingua mirandesa.
- **4. Galego**: Muitas linguas teñen orgullo dos seus pergaminhos antigos, da literatura escrita hai centos de anos e dos seus escritores famosos, hoxe símbolos dessas linguas. Porén hai otras que non podem ter orgullo de nada disso, como é o caso da lingua mirandesa.
- 5. Português: Muitas línguas têm orgulho dos seus pergaminhos antigos, da literatura escrita há centenas de anos e dos seus escritores famosos, hoje símbolos dessas línguas. Porém há outras que não podem ter orgulho de nada disso, como é o caso da língua mirandesa.

Sem maiores pretensões analíticas, não é difícil reparar nas semelhanças morfofonológicas que envolvem o léxico das línguas em questão. Portanto, não se pode simplesmente classificar como neologismos ou arcaísmos, quer no contexto rural – e até mesmo no urbano – expressões como hoxe, antonte, home, arguyu, xente, andentro ou sumana, sobretudo se consideramos que a expressão "português arcaico" remete ao sistema e às respectivas variantes circunscritas ao contexto da Idade média, portanto históricas, diacrônicas; e aqui, estamos lidando com um léxico que considera a sincronia da língua, numa variação eminentemente diatópica – no sentido sertão-Galiza.

Ocorre é que os estudos nas duas vias – daqui para lá, de lá para cá – são precários e há uma ignorância residual média, midiática, programada e recíproca que, superficializando as línguas, faz desidentificar - no fundo -, as culturas. Importantíssimas fontes de consulta do léxico que abrange as variantes brasileira, portuguesa e galega, como o Tesouro do léxico patrimonial galego e portugués, por exemplo, nem sempre reconhecem enquanto patrimônio comum expressões corriqueiras aos dois sistemas, como descabaçar ou cabaço, por exemplo.

Da mesma maneira, O Léxico de Guimarães Rosa (Martins 2001), completo e imponente estudo da palavra rosiana, desconsidera alguns étimos galaico-portugueses espalhados no sertão de Rosa.

Sempre intermediados pelo auxílio do Dicionário de Dicionários da Lingua Galega (DdD), vejamos os casos seguintes:

#### • Abandoar, bimbar, esmiar e malvaz

A forma abandoar, no Léxico, é classificada como neologismo da expressão formar bando, no contexto seguinte de Grande Sertão: Veredas: "[...] a diversos que passavam abandoados [...]". Porém, o narrador, apenas reiterando a imagem da solidão e da desolação do sertão, utiliza-se do cunho vernáculo do vocábulo abandoar > abandonar, propondo um jogo sonoro com a proximidade entre os termos; os jagunços estavam em bandos, mas abandonados, essa a face da poesia que a palavra encontra em Rosa.

Bimbar, no contexto de Grande Sertão: Veredas: "[...] e [relatei] o que debaixo de Zé Bebelo fomos fazendo, bimbando vitórias [...]", é classificada como onomatopeia de 'festejar, celebrar alegremente como se tocando sinos'. Quando bimbar - o mesmo que imbar – significa 'tragar sem mastigar, engolir', o que na trama referida quer dizer que o bando vem galgando/engolindo vitórias às pressas, à esmo. E bimbar > tragar sem mastigar, engolir ganha mais sentido ainda quando lembramos o que aquele que conta havia anteriormente dito: "[...] e foi assim que a gente principiou a tristonha história de tantas caminhadas e vagos combates, e sofrimentos [...]" - trecho que revela e reitera todo o tédio do ex-jagunço-narrador que, àquelas alturas, já não curte com paixão a jagunçagem que narra.

Esmiar, no contexto de Noites do Sertão: "[...] era uma visão: Doralda vestida de vermelho... como se esmiasse e latisse.", é classificado como variação de miar, com acréscimo do prefixo -es. Rosa aproveita-se da proximidade para propor um efeito mais sonoro que propriamente semântico, entre os vocábulos esmiasse e latisse. Na verdade, esmiar significa 'rasgar a roupa' – o que confere inclusive mais sentido à visionária cena –, muito embora se possa deduzir que Doralda – gata e cachorra àquele momento – também pudesse miar e latir em vazão à sua fúria de amor.

Malvaz, no contexto de Grande Sertão Veredas: "[...] e a mulher de Hermógenes, montada também, magra malvaz [...]", é classificado como de sentido obscuro, ou relacionado a neologismo em "referência às folhas de malva". Quando malvaz significa simplesmente 'malvado, a'; o que faz todo sentido no contexto, afinal à mulher do chefe do bando mais odiado pelo protagonista da trama atribuem-se também qualidades inimigas. Rosa uma vez mais joga com a sonoridade da aliteração dos termos magra-malvaz.

#### · Arre, Maria!

Curioso também é o caso da expressão *arre* – de amplo uso nas variantes do sertão –, a que Martins (2001) diz tratar-se de "interjeição intensificadora da frase, do vocativo ou do adjetivo", como ocorre em *arre, não posso mais lutar!*; *arre, égua!*; *arre, carallo!* ou ainda *arre de bom!* etc. Termo amplamente empregado na obra rosiana – do qual aqui segue exemplo plural: "Compadre Quelemém é quem muito me consola – Quelemém de Góis. Mas ele tem de morar longe daqui, no Jijuã, Vereda do Buriti Pardo... *Arres*, me deixa lá, que – em endemoninhamento ou com encosto – o senhor mesmo deverá de ter conhecido diversos homens, mulheres".

Arre, a respeito do efeito e da funcionalidade interjectiva e vocativa apontada no Léxico, é mais que mero neologismo ou criação do "falar inculto" sertanejo. Tratase, antes, de fenômeno comum ao âmbito das variantes — diatópicas e diastráticas —, de aspiração do /v/ na fala popular, exposta em casos como: lerrô < levou; centarro < centavo; 'tarra < 'tava; ram'bora < vam'bora. Ou, em outras palavras: fenômeno fonético-fonológico, peculiar a ambas as variantes da língua, conforme comprova Aluiza Alves de Araújo, nos estudos: "Tarra onde, menina réa?" ou "Arre, Maria!, tu num lerrô nada?".

### • O prefixo des-

As palavras formadas a partir do prefixo des- são usadas à exaustão ao longo da obra de Rosa, e essa formação desde sempre se verificou na língua portuguesa, muito embora algumas formas, por sua natureza diastrática, nem sempre sejam reconhecidas pelo falante médio do português padrão brasileiro. Representam, contudo, construção de uso bastante frequente no sertão e na Galiza expressões como: desafear, desamigar, desdeixar, desflorar, desmamar, desengordar, desar, desdar ou desentristecer, muitas delas também consideradas neologismos, arcaísmos ou brasileirismos – como é o caso de desadorar, definido no Léxico como 'brasileirismo que admite várias acepções' (sic); ou

desacoitar, que no contexto "Drede, aonde ele fora, para a desacoitar [...]" o Léxico interpreta como 'fazer sair do abrigo, do esconderijo', enquanto o vocábulo – de acordo com o DdD –, significa 'tranquilizar o que sofre'. No contexto "No lugar durava ainda aquela visão: o desliz do corpo, os seios pontudos, a cinturinha entrada estreita [...]" o Léxico dá desliz- certamente pela proximidade sonora e semântica - como "variante de deslize", quando na verdade o desliz diz respeito ao corpo fraquejado, desfalecido de lascívia da moça. Assim como os termos epentéticos: alembrar, alevantar, alumiar, avoar, assoprar etc., fenômeno metaplásmico que também se mantém na variante do português do campo brasileiro, e de uso corrente na variante galega, todo este léxico - sincrônico e vernacular - obedece a formações e ocorrências que a língua já oferece.

### • Palavras, provérbios e *refráns*

Embora em nenhum momento o Léxico refira à origem, Valentín Paz-Andrade, na obra que lhe daria acesso à Real Academia Galega, foi pioneiro em enfatizar a relação Galícia-sertão rosiano - no que tange às expressões e termos fortemente galegos que dessa prosa emergem -, nos lembrando uma vez mais o que há de comum entre essa "língua que aínda se fala hoxe no grande sertão, como se fala na Galiza"; e destaca as expressões, tais quais: amojar, arco da velha, arranjar, chirimia, orvalho, sol-pôr, luscofusco, fura-bolos, folgar-se de, lonjão, mata-piolhos, meninho, noitinha, pendão, queixume, sanfona, sovela, verter água.

Confrontem-se, por sua vez, os *refráns* galegos e os adágios rosianos, tomados ao esmo e misturados, em sua semântica - mas, sobretudo, em seu léxico: [...] para bezerro mal desmamado, cauda de vaca é maminha (O burrinho pedrês); Boi que non vai ó mercado, non pode ser vendido nin comprado; En terra allea, a vaca ó boi cornea; A grama que burro não come, não presta pra gado nenhum (Dão-Lalalão); Becerro manso, mama a súa nai e a outras catro; Potro, de potrela; becerro, de vaca vella; Não se toca boi à força, nem para o pasto melhor (A estória de Lélio e Lina); Tira-se leite é onde há pasto (A estória de Lélio e Lina); Boi vezado, volve ó prado; A vaca da miña veciña dá mais leite que a miña.

Ou ainda: [...] o que não é casório, é falatório (O recado do morro); Home moi falador, nunca foi bo cavador, Quem fala muito, dá bom dia a cavalo (Minha gente); O moito falar é vicio; Quen fala o que non debe, oi o que non quere; Coice de égua não machuca cavalo (A estória de Lélio e Lina); Couce de égoas non matan poldros; Quem não tem dente, não toca berrante (Uma estória de amor); Quen ten mal dente, ten mal parente; A boa sacola aumenta a esmola (A estória de Lélio e Lina); Cando deas a esmola non toques a trompa; Deus nunca desmente (Grande Sertã: Veredas); [...] o home pón, Deus dispón.

E os já clássicos no eixo sertão-Galiza: Poñer os bois antes do carro; Unha anduriña soila non fai verán; A cabalo dado non lle mires o dente; O ollo do amo engorda o cabalo; Para abaixo, tódolos santos axudan; Achégate ós bos e serás um deles; Home que madruga, Dios o axuda.

#### • Nomes e alcumes

Outro tópico importante neste vínculo lexical entre Rosa e a Galiza é o dos *alcumes* (alcunhas). De acordo com Torres Regueiro e Cuns Lousa (1989: 9):

As orixes do alcume son variadas e praticamente as mesmas dos nomes e dos apelidos. Poden estar nunha virtude, defecto, ou particularidade do individuo ou familia en cuestión, en determinados gustos ou afeizóns, nalguns ofícios ou profesións, delatando a procedencia xeográfica, un acontecemento especial...; e moitas veces non teñen unha causa determinada ou ben perdeuse a memoria da causa ou suceso que os motivou.

Sabe-se, outrossim, que a tradição do *alcume* mantém caráter aldeão e rural, própria a pequenos grupos e às relações de parentesco e vizinhança. Daí originar-se com frequência e naturalidade da imaginação, do humor, da ironia e da criatividade populares.

Numa subdivisão elementar entre tipos de *alcumes*, e que nos serve aqui de propósito, há: a) os que têm origem ou semelhança com animais; b) os que têm origem em coisas pelas que o *alcumado* tem predileção; c) os que têm origem em qualidades físicas ou morais; d) os que têm origem em circunstâncias da vida do *alcumado*.

Há uma relação estreita jagunçagem - alcumes. Desde o Famigerado ou Oh, homem, oh - alcumes do mesmo conto -, aos Mão de Lixa, Freitas Macho, Tipote, Preto Mangaba, Coscorão, Diadorim, Jiribibe, Moçambicão, Rasga-em-Baixo, Joãosinho Bem -Bem, Dimas Doido, Compadre Quelemém, que pelos textos se espalham.

A certa altura, Riobaldo pondera: "Eu não podia imaginar que ia entrar em fogo contra os Bebelos". Os nomes dos chefes da jagunçagem tornam-se também alcumes, quando servem para designar nos companheiros a linhagem a que pertencem: os Alaripes ('lugar onde começa o dia'), os Hermógenes ('fechado', 'longínquo'), os Medeiros-vazes ('meeiro basco'), os (ri) Cardões ('reino', 'rico' ou 'pessoa de caráter agressivo'), os Riobaldos ('rio incompleto, rio inutilizado') e outros tantos plenos de significados. Contudo, "hai quen, ó mellor, non admite que o chamen polo alcume [...] e atópase moi fachendoso co seu apelido", por ser o significado ou a origem do alcume fruto de constrangimento para o alcumado, como Calaza ('farrapo', 'carniza'); Couceiro ('que dá couces'); Famigerado (vale a pena a leitura do fragmento em que o interlocutor-narrador faz milagre léxico-etimológico para explicar ao sanguinário cangaceiro o[s] significado[s] de seu alcume); Cascorão; Mão-de-Lixa etc. E, a título de curiosidade, num cotejo com alguns alcumes de Bembrive, como os Arrecarallo, os Caramba, os Cu de pote, os Carallete, os Manuel de Pedro, os Manuel da otra, os Constante 'O Toro', os Marmanxos, os Setehomes, os Cascarrañota, os Barriga Verde, os Bocanegra, os Cabezotorta, os Mincarallos ou os Raspaqueixo, percebe-se que todos bem podiam figurar no universo sanguinário e cangaceiro de Guimarães Rosa.

#### • Os alcumes do diabo

Nunca se deve refutar a profusão de alcumes atribuídos na prosa de Rosa ao diabo: o Cujo, o Oculto, o Tal, o Que-Diga, o Não-sei-que-Diga, o Que-não-Fala, o Que-não-Ri, o Que-nunca-se-Ri, o Sem-Gracejos, o Tristonho, o Muito-Sério, o Sempre-Sério, o Austero, o Severo-Mor, o Galhardo, o Romãozinho (um diabo-menino), o Rapaz, o Homem, o Indivíduo, Dião, Dianho, Diogo, o Pai-da-Mentira, o Pai-do-Mal, o Maligno, o Coisa-Ruim, o Tendeiro, o Mafarro, o Manfarri, o Canho, o Coxo, o Capeta, o Capiroto, o Das-trevas, o Tisnado, o Pé-Preto, o Pé-de-Pato, o Bode-Preto, o Cão, o Morcego, o Gramulhão, o Xu, o Temba, o Dubá-Dubá, o Azarape, o Dê, o Dado, o Danado, o Danador, o Arrenegado, o Diá, o Diacho, o Diabo, o Debo, o Rei-Diabo, o Demo, o Demônio, o Drão, o Demonião, Barzabu, Lúcifer, Satanás, Satanazim, Satanão, Sujo (...), o Dos-Fins, o Solto-Eu, o Outro, o Ele, o O, Ele, o Anhagão, Bute, o Cabrobó, o Ocultador, o Mal-encarado..., além de outros alcumes.

Repare-se que, curiosamente (ou não), o diabo se encaixa em todas as modalidades dos *alcumes*:

- a. os de origem ou semelhança com animais: o *Pé-de-Pato*, o *Bode preto*, o *Cão*, o *Morcego*;
- b. os de origem em coisas pelas que o *alcumado* tem predileção: o *Pai-da-Mentira*, o *Pai-do-Mal*;
- c. os de origem em qualidades físicas ou morais: o Coxo, o Mal-encarado, o Coisa-Ruim;
- d. os de origem em circunstâncias da vida do *alcumado*: o *Das-trevas*, o *Arrenega-do*, o *Tristonho*, o *Sujo*.

Por fim, duas palavras acerca do étimo de *veredas*, que via o latim *veredus* ('cavalo de carga, de viagens') deu a significar – por metáforas, metonímias ou extensão – 'trilha, caminho' etc. O termo adquire ainda uma relação semântica muito forte com certos tipos de vegetação local, assim como a *savana*, o *árido*, ou o *agreste*.

Étimos à parte, vale lembrar – a título quiçá jocoso – que o termo *vereador* já era conhecido na Península séculos antes de o Brasil ser descoberto. Donde o verbo *verear*, com o significado primitivo de 'administrar as estradas e os caminhos'. E em galego, *verea* ou *bereda* tanto pode significar 'caminho estreito, tosco' – ou 'caminho real': *veredas*.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁLVAREZ, Rosario (coord.): Tesouro do léxico patrimonial galego e portugués. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega. http://ilg.usc.es/Tesouro [25/02/2016].

- ALVES DE ARAÚJO, Aluiza (2014): "Tarra onde, menina réa?", Revista de Estudos da Linguagem, vol. 22, nº 2.
- ALVES DE ARAÚJO, Aluiza (2015): "Arre, Maria!, tu num lerrô nada?". Comunicación no Gallæcia III Congresso Internacional de Linguística Histórica (Santiago de Compostela, 27–30/07/2015). Universidade de Santiago de Compostela.
- Lorenz, Günter (1973): Diálogos com a América Latina. São Paulo: EPU.
- JOYCE, James (2004): Finnegans Wake. São Paulo: Ateliê Editorial.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna (2001): O Léxico de Guimarães Rosa. São Paulo: Edusp.
- Meier, Harri (1974): "Metáforas, ex-metáforas, pseudometáforas", Littera, nº 10.
- PAZ-Andrade, Valentín (1970): La marginación de Galicia. Madrid: Ed. Siglo XXI.
- PAZ-Andrade, Valentín (1983): A galeguidade na obra de Guimarães Rosa. São Paulo: Difel.
- ROCHA, Luiz Carlos (1988): "Guimarães Rosa e terceira margem da criação lexical", em Lauro Belchior Mendes / Luiz Cláudio Vieira de Oliveira (orgs.), *A astúcia das palavras ensaios sobre Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Rd. UFMG, 185-193.
- Roncari, Luiz (2004): O Brasil de Rosa: mito e história no universo rosiano: o amor e o poder. São Paulo: UNESP.2
- Schwarz, Roberto (1981): "A Fala e Grande Sertão e Dr. Faustus", *A sereia e o Descon-fiado: Ensaios Críticos.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 37-51.
- Souza, Vander Lucio de (2008): *Caminho do boi, caminho do homem* [manuscrito]: *o léxico de Águas Vermelhas Norte de Minas*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG.
- Sperber, Suzi Frankl (1976): Caos e cosmos Leituras de Guimarães Rosa. São Paulo: Livraria Duas Cidades.
- Torres Regueiro, Xesús / Xulio Cuns Lousa (1989): Alcumes recollidos en Betanzos. Betanzos: Concello de Betanzos.
- VÁZQUEZ CUESTA, Pilar (1996): O que um falante de português deve saber acerca do galego: pequena achega, Colóquio. Letras, 139.